

## Ciências da Comunicação e Mundo Lusófono

### Moisés de Lemos Martins

Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS),  
Universidade do Minho, Portugal  
moisesm@ics.uminho.pt ; moiseslmartins@gmail.com

### Resumo

A comunidade lusófona tem para cima de 250 milhões de falantes, mas apenas uma minoria desenvolve um sentimento de pertença baseado numa língua comum. De acordo com o escritor moçambicano, Mia Couto, a Lusofonia não é uma realidade de voz cheia, mas antes um lugar "luso-afónico", isto é, um lugar sem voz, sem o conhecimento, nem o reconhecimento das semelhanças, neste vasto espaço geográfico e cultural.

Reconhecendo este fosso, as associações de Ciências da Comunicação do espaço lusófono lançaram, em 1997, uma rede de cooperação, primeiramente entre pesquisadores de Portugal e Brasil, logo seguidos pelos investigadores galegos, e posteriormente para todo o espaço lusófono. Este movimento baseia-se no pressuposto de que a diversidade linguística enriquece a ciência e de que esta deve ser global e contextualmente relevante.

A Lusofonia pode ser discutida sob vários pontos de vista, todos relacionados com a identidade cultural dos países de língua portuguesa. Gostaria de aprofundar o meu ponto de vista, centrando-o no estatuto social da língua. Começarei por me referir ao Inglês como língua dominante. E não gostaria de deixar de salientar alguns desafios que, a meu ver, os grupos de investigação lusófonos têm de enfrentar num mundo global dominado pelos paradigmas anglo-saxónico.

A minha abordagem está centrada na língua, entendida como manifestação cultural, expressão do pensamento, espaço relacional e instrumento de organização simbólica do mundo. Tal entendimento coincide com o poder simbólico da língua (teoria de Pierre Bourdieu) e com a perspectiva pós-colonial, que questiona a dominação, submissão, subordinação e controle das periferias, das minorias, das diásporas, dos migrantes...

**Palavras-chave:** Lusofonia, mundo lusófono, língua portuguesa, identidade geocultural, identidades transnacionais, pós-colonialismo, poder simbólico, Ciências da Comunicação.

### Abstract

Within the Lusophone community of over 250 million speakers only a minority developed a sense of belonging based on their common language, a phenomenon that is still very real today. According to the Mozambican writer, Mia Couto, Lusophony is not a 'loud' reality, rather a "luso-a-phonic" one, that is, a place of low voices, no knowledge and no acknowledgement of the commonalities between themselves in this vast geographic and cultural space.

Recognizing precisely this gap, in 1997, Communication research associations in Lusophone countries have promoted the setting up of a research cooperation network primarily between Portuguese and Brazilian researchers, and then extending it to the Galician community, and subsequently to the entire Lusophone space. This movement is based on the assumption that linguistic diversity enriches science and that science should be globally and contextually relevant.

Lusophony can be discussed from various points of view, all related to the cultural identity of the Portuguese-speaking countries. I would like to explain my point of view, focused on the social status of language. Then, I will refer to the English language as a dominant language. Finally, I would like to point out some challenges that, from my perspective, the Lusophone research groups have to face in a global world dominated by English and Anglo-Saxon paradigms.

My approach is in fact focused on the perspective of language, understood as a cultural manifestation, the expression of thought, a relational space, and an instrument of symbolic organization of the world. Such understanding is coincident with the symbolic power of language (Pierre Bourdieu's theory), and with the post-colonial perspective which questions the domination, submission, subordination and control of peripheries, minorities, diasporas, migrants...

**Key words:** Lusophony, lusophone world, Portuguese language, geocultural identity, transnational identities, post-colonialism, symbolic power, science communication.

### 1. A lusofonia como combate linguístico

Ao colocar a questão da Lusofonia trago a debate a questão das línguas de cultura, ciência e comunicação, em espaços transnacionais alargados.

Na tradição sociológica francesa de Pierre Bourdieu, a questão linguística já havia sido colocada como uma questão prática, pelo facto de exprimir interesses estratégicos e posições de poder dentro de um determinado campo territorial e político, e por ter em vista assegurar a hegemonia dentro desse campo específico. Ou seja, o combate das línguas exprime a luta por uma determinada ordenação simbólica do mundo. Vemo-lo, sobretudo, em *Ce que Parler Veut Dire* (1982) e em *La Distinction. Critique sociale du jugement* (1979).

Interrogando a função social da língua e as suas possibilidades de violência simbólica, Bourdieu deu-nos instruções úteis em *Ce que Parler Veut Dire* sobre 1) a produção e a reprodução da linguagem legítima; 2) a formação dos preços e a antecipação dos lucros; 3) a língua autorizada; 4) o poder simbólico; 5) a representação política e 6) a identidade e a representação<sup>1</sup>.

Sintetizando o ponto de vista de Pierre Bourdieu, mas transpondo-o do uso de uma língua por um indivíduo, para a utilização de uma determinada língua nas interações entre povos, em espaços geoculturais e estratégicos alargados, podemos dizer que as línguas podem ser entendidas como o produto da relação entre um “mercado linguístico” e um “*habitus* linguístico”. Quando os indivíduos utilizam determinada língua, num determinado espaço geocultural e estratégico alargado, fazem uso de recursos acumulados, adaptando-se, todavia, implicitamente, às exigências próprias do campo político ou mercado das trocas globais.

Penso, no entanto, que a tradição pós-colonial, de Franz Fanon (1963, 1986) a Eduard Said (1994), e de Stuart Hall (1997) a Gayatri Spivak (1987) e a Homi Bhabha (1990, 1994), nos permite hoje ser mais ambiciosos na consideração das línguas de cultura, ciência e comunicação, em espaços transnacionais alargados<sup>2</sup>. A tradição pós-colonial permite-nos encarar aquilo a que chamamos globalização como um movimento de mobilização tecnológica,

<sup>1</sup> Pierre Bourdieu insiste na ideia de que representar o mundo social é classificá-lo, ou melhor, dividi-lo, e também lutar pela di/visão em que nos empenhamos. Neste combate são investidos interesses simbólicos, sendo que o simbólico exprime relações de força social, ou seja, relações de poder.

<sup>2</sup> Veja-se, neste sentido, Martins (2006), A lusofonia como promessa e o seu equívoco lusocêntrico. E também, Martins (2014), Língua Portuguesa, globalização e lusofonia. E ainda, *Comunicação e Sociedade*, vol. 26, organizado em 2016 por Maria do Carmo Piçarra, Rosa Cabecinhas e Teresa Castro, sobre *Imaginários coloniais: Propaganda, militância e “resistência” no Cinema*.

de bens, corpos e almas, para o mercado, e também como um movimento de homogeneização cultural, que uma única língua, o inglês, ajuda a sedimentar, devendo nós, no entanto, interrogar o ponto cego desta cinética, enfim, aquilo que ela silencia: os subalternos e dominados, os ex-colonizados, as minorias, as periferias, as diásporas, os migrantes, os refugiados, todos os excluídos, e portanto as suas culturas e línguas<sup>3</sup>.

Por esta razão, ao interrogarmos, hoje, o sentido do humano, já não podemos deixar de pensar na assombração que constituiu no Ocidente a metafísica da unidade, da tradição greco-romana, apoiada no *logos* (como instância soberana de decisão) à tradição judaico-cristã, apoiada no *sun/bolé* (uma imagem que reúne), e que fundaram, ambas, o logocentrismo, o etnocentrismo, o imperialismo, o colonialismo e o produtivismo.

Este movimento de mobilização tecnológica para o mercado revê-se nas metáforas de tempo de “longa duração” (Fernand Braudel, 1958), “economia-mundo” (Immanuel Wallerstein, 1974), “cultura-mundo” (Gilles Lipovetsky e Jean Serroy, 2008) e “sociedade em rede” (Manuel Castells, 1996).

## 2. Da expansão europeia á globalização dos mercados pela tecnologia

A investigação histórica tem insistido, nos últimos tempos, na analogia que é possível fazer entre a atual globalização, uma “circum-navegação tecnológica”, fundada nas tecnologias da informação, que nos mobilizam para o mercado, e a primeira globalização, concretizada pela expansão europeia nos séculos XV e XVI<sup>4</sup>.

Também em Portugal, a investigação histórica sobre a expansão europeia, e especificamente sobre a expansão portuguesa, teve nos últimos anos um grande desenvolvimento. E estas pesquisas tiveram como consequência associar à eclosão da modernidade a expansão europeia e os notáveis avanços então realizados, na física, na matemática, na astronomia e na cartografia<sup>5</sup>.

Mas, da mesma maneira que a expansão europeia dos séculos XV e XVI não pode ser pensada apenas como uma abertura à “diversidade do mundo”, mas sobretudo como um movimento de colonização, que não serviu apenas o encontro entre povos, mas também a assimilação/integração e dominação do mundo pelo desígnio ocidental<sup>6</sup>, assim também o debate sobre as línguas deve passar por um mesmo movimento de desconstrução pós-colonial.

<sup>3</sup> Foi por partilhar um entendimento semelhante a este sobre a dinâmica das culturas que os sociólogos portugueses, Boaventura Sousa Santos e Maria Paula Meneses, publicaram, em 1995, *Epistemologias do Sul*.

<sup>4</sup> Ver, por exemplo, Roger Crowley (2015), *Conquerors. How Portugal forged the first global Empire*; também Martin Page (2002), *The First Global Village: How Portugal Changed the World*; e ainda, Russell-Wood, A. G. R. (1992), *The Portuguese Empire, 1415-1808. A World on the Move*.

<sup>5</sup> Tenho sobretudo presente a obra do físico e historiador de ciência, Henrique Leitão. Em *Os Descobrimentos Portugueses e a Ciência Europeia*, obra publicada em 2009, Leitão confirma que a expansão marítima europeia (portuguesa, espanhola, inglesa e holandesa) foi, talvez, a maior transformação política, social, administrativa e económica dos séculos XV e XVI. E em dois artigos, publicados em 2014, em parceria com Joaquim Alves Gaspar, na revista de cartografia *Imago Mundi*, explica de que modo foram decisivos os estudos portugueses de matemática e cartografia (muito particularmente de Pedro Nunes, em 1537), para a criação da Tabela de Rumos, instrumento matemático usado por Mercator para a projeção cilíndrica do globo terrestre, em 1569.

<sup>6</sup> Pode dizer-se que a expansão marítima portuguesa teve um momento mítico fundador, de que a Carta de Pero Vaz de Caminha ao rei português, D. Manuel I, sobre o *achamento* do Brasil, é uma boa expressão – um tempo mítico de descoberta e encontro. Mas não podemos deixar de ter em atenção, também, o facto de se ter passado logo a uma segunda fase, de integração, e mesmo a uma terceira, de dominação.

A ideia da “diversidade do mundo”, que a expansão marítima europeia colocou a descoberto, ficou, pois, comprometida, praticamente logo no início, pelas necessidades imperialistas do capitalismo comercial. Tzevetan Todorov, em *The Conquest of America: The Question of the Other* (1982), ao colocar a questão da alteridade no encontro com o outro civilizacional, defende o ponto de vista da comunicação intercultural, uma razão que se opõe ao entendimento homogeneizante do diálogo intercultural. Com efeito, Todorov interroga, antes de mais, a lógica

A circum-navegação é uma figura que nos pode ajudar a pensar a travessia a fazer, na experiência tecnológica, que é a experiência contemporânea por excelência<sup>7</sup>. À semelhança da época da expansão europeia, o homem contemporâneo faz hoje, através da tecnologia, uma travessia, deslocando-se da cultura do uno para a cultura do múltiplo. A cultura do uno é logocêntrica, etnocêntrica, imperialista, colonialista e produtivista. Caracteriza-se, pois, pela exclusão, assimilando e destruindo a diferença. Em contrapartida, a cultura do múltiplo e da mistura associa-se à participação, à comunicação intercultural, à diferença, a uma cultura pós-colonial (Martins, 2015, 2014, 2011 a, 2011 b, 2007).

A circum-navegação assinala, classicamente, a experiência da travessia de oceanos e da ultrapassagem do limite estabelecido, de mares, terras e conhecimentos. E, a meu ver, trata-se de uma boa metáfora para caracterizar a atual experiência lusófona, uma experiência, hoje, largamente tecnológica<sup>8</sup>.

Na navegação clássica havia sobretudo as estrelas para nos conduzir na noite. Mas a circum-navegação moderna passou a contar, sobretudo, com o sextante, o astrolábio e a esfera armilar. E com o tempo, deixámos de olhar para as estrelas e passámos a olhar para os ecrãs, como assinala Virilio (2001, p. 135). Ou seja, da história de sentido em que se inscreviam as estrelas, o Ocidente abriu caminho para os ecrãs (Martins, 2011 a). E nesta travessia atribuiu-se uma “pele tecnológica” (Kerckhove, 1995), uma pele para a afeção, ou seja, para o estar-junto, para o ser-com-outros.

Ao adotar o imaginário dos ecrãs, a circum-navegação eletrónica, concretiza o paradigma da cibercultura como uma travessia em direção à Nova América de um novo arquivo cultural, que reativa o antigo, o arcaísmo, enfim a mitologia (Martins, 1998; Jenkins, 2008) e, ao mesmo tempo, reconfigura em permanência a comunidade, pelo desejo de ser-com-outros. E é a história, mas a história toda, tanto a da colonização como a do pós-colonialismo, que é, hoje, recapitulada neste desejo de comunidade.

Portanto, a travessia que os povos do espaço lusófono, falantes do português, são convocados a fazer é a de uma mobilização tecnológica para o interconhecimento, o diálogo e a cooperação. É, também, a da sua reunião numa zona geo-estratégica e cultural alargada, no respeito pelas diferenças e na dignificação das línguas nacionais (em Angola, Moçambique, Timor Leste, Cabo Verde, Guiné Bissau, São Tomé e Príncipe), que se afirme diante da globalização hegemónica, de carácter financeiro e especulativo, falado a uma só língua, o inglês. É, finalmente, a travessia do apego ao valor do heterogéneo, à sedução de uma rede tecida de fios de muitas cores e texturas, uma rede de povos e países diversos, capazes de resistir à sua redução a uma unidade artificial.

---

das interdependências, que se exercem a três níveis: *axiológico*, *praxeológico* e *epistémico*. O nível axiológico das interdependências prende-se com os juízos de valor que temos sobre o outro, assim como os estereótipos com que os enquadrámos. No nível praxeológico colocam-se as práticas concretas de assimilação, submissão ou indiferença relativamente ao outro. Por sua vez, o conhecimento que temos sobre a identidade do outro caracteriza o nível epistémico. Todorov contraria, pois, a “lógica da unidade”, da perspetiva do diálogo intercultural, um entendimento que desconhece os processos comunicacionais de segregação, dominação e tomada de poder.

<sup>7</sup> Foi esta a linha condutora de Stéphane Hugon (2010), no livro *Circumnavigations. L'imaginaire du voyage dans l'expérience Internet*. Colocando-se do ponto de vista de “uma sociologia dos espaços eletrónicos”, Hugon interroga, entre outros aspetos, “uma cultura da deambulação”, “uma genealogia da deriva”, “o que significa habitar”, “o que é uma paisagem”, e ainda, “a dinâmica comunitária”.

<sup>8</sup> Sobre o papel do ciberespaço na invenção de comunidades lusófonas, pela reativação de memórias sociais e pela (re)produção de narrativas identitárias, ver Macedo *et Alii* (2010, 2011, 2013).

### 3. A descolonização da língua

Ao discutirmos as políticas linguísticas, em termos pós-coloniais, descolonizando-as, mantemo-nos em linha com o mesmo processo de desconstrução, com que perspetivamos a expansão marítima ocidental, dos séculos XV e XVI.

Esta desconstrução pós-colonial é tanto mais necessária quanto a circum-navegação tecnológica nos expõe, hoje, aos maiores perigos. Dou como exemplo a atual tematização do debate sobre a língua, em Portugal, que nalguns casos chega a assemelhar-se a uma alucinada narrativa messiânica.

Numa entrevista concedida ao site “Inteligência Económica”, por ocasião do lançamento da obra *Potencial Económico da Língua Portuguesa*, estudo encomendado pelo Instituto Camões ao Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa – Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), Luís Reto, Reitor deste Instituto Universitário e coordenador da obra, coloca a questão das línguas nos seguintes termos: “Esta é a hora do português”; e apontando de imediato a rota da economia para a língua portuguesa, avisa que a navegação será agora em direção a um novo arquivo cultural, em que a língua seja “produto” e “valor económico” e a avaliação da sua importância medida em termos de percentagem no PIB<sup>9</sup>. Lançada, assim, ao mar da sua transformação “numa potência económica mundial”, o rumo da língua portuguesa seria, por um lado, “a comunidade lusófona”, e por outro, “o valor criado para fora, para uma economia em rede”<sup>10</sup>.

A ideia de encarar a própria língua como mercadoria, “como produto” (Reto, 2012), como língua de conhecimento e comércio, é uma excelente ilustração do atual movimento de mobilização tecnológica do mundo para o mercado. Os principais capítulos da obra *Potencial Económico da Língua Portuguesa* têm a seguinte designação: “Efeitos de rede e valor económico da língua”; “Valor da língua e das indústrias culturais e criativas em percentagem do PIB”; “Comércio externo e investimento direto estrangeiro (IDE)”; “Fluxos migratórios e turismo”.

### 4. Nota conclusiva

Uma língua de cultura e de pensamento não pode deixar de ser, igualmente, uma língua de conhecimento. Foi essa a razão pela qual as comunidades científicas de Ciências da Comunicação dos países lusófonos fundaram, em 1998, a Federação Lusófona de Ciências da Comunicação (Lusocom), com os seguintes objetivos: Promover o desenvolvimento das Ciências da Comunicação no espaço geocultural lusófono; Incentivar a cooperação entre os países de língua portuguesa; Aprofundar a expressão internacional das comunidades de investigadores de língua portuguesa, em termos de produção científica; Patrocinar a publicação de trabalhos científicos em português<sup>11</sup>.

Mas o combate pela conversão da língua portuguesa em língua de conhecimento e ciência ainda mal começou. A comunicação científica e as políticas linguísticas governamentais decidem quem tem o poder de definir a realidade social, assim como o poder de impor essa representação. E, nestas circunstâncias, a experiência que temos do mundo é a da standardização do pensamento e do conhecimento. Espera-se que os pesquisadores publiquem principalmente em inglês. As citações são tendencialmente feitas, a partir de artigos e livros publicados em inglês. Os pedidos de financiamento e os relatórios são redigidos em inglês. Os paradigmas científicos seguem a tradição anglo-saxónica.<sup>12</sup>

<sup>9</sup> Ver, Luís Reto: <http://inteligenciaeconomica.com.pt>

<sup>10</sup> *Ibidem*.

<sup>11</sup> Consultar o portal da Federação Lusófona de Ciências da Comunicação (Lusocom): <http://www.lusocom.info/>

<sup>12</sup> Sobre todas estas questões, ver o vol. 3 da *Revista Lusófona de Estudos Culturais*, publicado em 2016 e consagrado à *Ciência e conhecimento: políticas e discursos*, tendo sido organizado por Martins, Baptista, Coelho e Latif. <http://rlec.pt/>

Os desafios que, a meu ver, exigem uma forte determinação da comunidade de investigadores de língua portuguesa derivam do movimento de desconstrução pós-colonial e estão necessariamente relacionados com o debate sobre as línguas.

Por um lado, esta comunidade tem de encontrar caminhos para uma espécie de interconhecimento, diálogo e cooperação no mundo da expressão portuguesa. Por outro, apenas a consolidação dos países lusófonos como uma região geoestratégica alargada, transnacional e transcultural pode resgatá-la do papel marginal que desempenha, hoje em dia, no campo científico. É também um grande desafio conseguir o respeito pelas diferenças de identidade, e também estabelecer um estatuto digno para as línguas nacionais.

Legitimar-se como uma região idiossincrática dentro da globalização hegemónica, financeira e especulativa, moldada pela língua inglesa, é também uma meta crucial pela qual os países de língua portuguesa precisam de lutar.

Resumindo, essa comunidade precisa de resistir à ideia de uma unidade artificial que ameace a capacidade que uma língua singular pode ter para produzir conhecimento singular e original, mas relevante.

## Referencias

- Bhabha, H. (Ed.) (1990). *Nation and Narration*. London/New York: Routledge
- Bhabha, H. (1994). *The Location of Culture*. London/New York: Routledge.
- Braudel, F. (1958). "Histoire et Sciences Sociales: La longue durée". In *Annales. Économies, Sociétés, Civilisations*. Vol. 13, n. 4, pp. 725-753.
- Bourdieu, P. (1982). *Ce Que Parler Veut Dire*. Paris: Fayard.
- Bourdieu, P. (1979). *La Distinction. Critique sociale du jugement*. Paris: Éditions de Minuit.
- Castells, Manuel (1996). *The Rise of the Network Society, The Information Age: Economy, Society and Culture* Vol. I. Cambridge, MA; Oxford, UK: Blackwell.
- Comunicação e Sociedade*, vol. 26, 2016, organizado por Maria do Carmo Piçarra, Rosa Cabecinhas e Teresa Castro, sobre *Imaginários coloniais: Propaganda, militância e "resistência" no Cinema*. <http://revistacomsoc.pt/>
- Crowley, R. (2015), *Conquerors. How Portugal forged the first global Empire*. London: Faber & Faber.
- Fanon, F. (1986). *Black Skin, White Masks*. London: Pluto Press.
- Fanon, F. (1963). *The Wretched of the Earth*. New York: Grove Press.
- Hall, S. (1997). *Representation: cultural representations and signifying practices*. London: Thousand Oaks; California: Sage in association with the Open University.
- Hugon, S. (2010). *Circumnavigations. L'Imaginaire du Voyage dans l'Expérience Internet*. Paris: CNRS Éditions.
- Jenkins, H. (2008). *Convergence Culture – Where Old and New Media Collide?* New York: New York University Press.
- Kerckhove, D. de (1995). *The Skin of Culture: Investigating the New Electronic Reality*. Somerville Press.
- Leitão, H. (2009). *Os Descobrimientos Portugueses e a Ciência Europeia*. Lisboa: Alêtheia Editores.
- Leitão, H. and Gaspar, J. A. (2014 a). "Squaring the Circle: How Mercator Constructed His Projection in 1569". *Imago Mundi*, 66, pp. 1-24.
- Leitão, H. and Gaspar, J. A. (2014 b). "Globes, rhumb tables and the pre-history of the Mercator projection". *Imago Mundi*, 66, pp. 180-195.
- Lipovetsky, G. & Serroy, J. (2008). *La Culture-monde : réponse à une société désorientée*. Paris: Odile Jacob.
- Macedo, L. ; Martins, M. L. ; Cabecinhas, R. ; Macedo, I. (2013). Researching identity narratives in cyberspace: some methodological challenges. In: Cabecinhas, R.; Abadia, L. (Org.).

- Narratives and Social Memory* (pp. 119-133). Braga: CECS - Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade. <http://hdl.handle.net/1822/29813>
- Macedo, L., Martins, M. L., & Cabecinhas, R. (2011). "Blogando a lusofonia: experiências em três países de língua oficial portuguesa". In Martins, M. L., Cabecinhas, R. & Macedo, L. (Eds). *Lusofonia e Cultura-Mundo, Anuário Internacional de Comunicação Lusófona*, vol. IX, CECS e Grácio Editor, pp. 121-142. <http://hdl.handle.net/1822/36686>
- Macedo, L., Martins, M. L., & Macedo, I. (2010). "Por mares nunca dantes navegados": contributos para uma cartografia do ciberespaço lusófono". In Martins, M. L., Cabecinhas, R. & Macedo, L. (Eds). *Lusofonia e Comunicação em Rede. Anuário Internacional de Comunicação Lusófona*, Vol. VIII, CECS e Grácio Editor, pp. 11-39. <http://hdl.handle.net/1822/36699>
- Martins, M. L. (Org.) (2015). *Lusofonia e Interculturalidade. Promessa e Travessia*. Famalicão: Húmus. <http://hdl.handle.net/1822/39693>
- Martins, M. L. (2014). Língua Portuguesa, globalização e lusofonia. In Bastos, N. (org.). *Língua Portuguesa e Lusofonia* (pp.15-33). São Paulo, EDUC - IP-PUC. <http://hdl.handle.net/1822/29178>
- Martins, M. L. (2011 a). *Crise no Castelo da Cultura*. Coimbra: Grácio Editor. <http://hdl.handle.net/1822/29167>
- Martins, M. L. (2011 b). Globalization and Lusophone world. Implications for Citizenship. In: Pinto, M. & Sousa, H. (Org.). *Communication and Citizenship: Rethinking crisis and change* (pp. 75-84). Coimbra: Grácio Editor. <http://hdl.handle.net/1822/25344>
- Martins, M. L. (2006). A lusofonia como promessa e o seu equívoco lusocêntrico. In Martins, M. L.; Sousa, H. & Cabecinhas, R. (Eds.) *Comunicação e lusofonia: para uma abordagem crítica da cultura e dos média* (pp. 79-87), Porto: Campo das Letras. <http://hdl.handle.net/1822/29957>
- Martins, M. L. (1998). "A Biblioteca de Babel e a Árvore do Conhecimento". *O Escritor* 11/12, pp. 235-240. <http://hdl.handle.net/1822/30068>
- Martins, M. L.; Sousa, H. & Cabecinhas, R. (Eds.) (2007). Lusocom: estudo das políticas de comunicação e discursos no espaço lusófono. In: Ledo, M. (Org.). *Comunicación Local no Espazo Lusófono* (pp. 301-310). Santiago de Compostela: Agacom. <http://hdl.handle.net/1822/24127>
- Page, M. (2002). *The First Global Village: How Portugal Changed the World*. Lisboa: Casa das Letras.
- Pero Vaz de Caminha (1500). *A Carta [ao Rei D. Manuel I]*. NUPILL - Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Lingüística. Publicações electrónicas. <http://www.cultura.brasil.org/zip/carta.pdf> (acedido a 24 de julho de 2016)
- Reto, L. (Ed.) (2012). *Potencial Económico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Texto Editores.
- Revista Lusófona de Estudos Culturais*, vol.3, 2016. Tema: *Ciência e conhecimento: políticas e discursos*. Editores: Moisés de Lemos Martins, Maria Manuel Baptista, Zara Pinto Coelho e Larissa Latif. <http://www.rlec.pt/>
- Russell-Wood, A. G. R. (1992). *The Portuguese Empire, 1415-1808. A World on the Move*. Baltimore: Johns Hopkins University Press.
- Said, E. (1994). *Culture and imperialism*. New York: Knopf.
- Santos, B. S. & Meneses, M. P. (Org.) (1995). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Editora Cortez.
- Spivak, G. (1987). *In Other Worlds*. London/New York: Routledge.
- Todorov, T. (1982). *The Conquest of America: The Question of the Other*. Translated from the French by Richard Howard. New York: Harper and Row Publishers.
- Virilio, P. (2001). "Entretien avec Paul Virilio". *Le Monde de l'Education* 294: 135-138.

Wallerstein, I. (1974). *The Modern World-System, vol. I: Capitalist Agriculture and the Origins of the European World-Economy in the Sixteenth Century*. New York/London: Academic Press.